



## A origem da cidade de Alagoinhas: discussão proposta a partir de hipóteses que desconstróem a versão oficial veiculada pela oralidade.

Tania Sonize Valverde Santos

### Resumo

O trabalho aqui apresentado aborda os temas raça e miscigenação a partir da leitura de dois textos de Kabengele Munanga. O objetivo é discutir os mecanismos que concorrem para a discriminação e o preconceito racial da população negra no Brasil no pós-abolição e os reflexos disso na atualidade. Nesse debate será utilizado também o texto do Prof. Dr. Diogo Valença para dar suporte a discussão de desigualdade e classe social na questão étnica, pois, os textos permitem este diálogo entre si. A metodologia utilizada é de cunho qualitativo, priorizando a discussão da temática na lógica dos autores aqui referenciados. Falar em raça, classe e miscigenação é necessário para compreender como opera o racismo na população negra. Esta temática dialoga com a pesquisa que desenvolvo no mestrado do PPGCS-UFRB. A pesquisa reivindica o lugar do Barreiro na História da origem da cidade de Alagoinhas-Ba e acusa o racismo/classe como hipóteses para o seu apagamento.

**Palavras-chave:** Raça; racismo; miscigenação; classes sociais e pós-abolição.

### Introdução

Como parte das atividades propostas no componente curricular ‘Sociologia do Desenvolvimento’ vou procurar discutir os temas *raça e classe* a partir de dois trabalhos escritos pelo Prof. Dr. Kabengele Munanga que tem uma vasta produção nessa área, raça, e um texto do Prof. Dr. Diogo Valença (2016) que discute a obra de Rodolfo Stavenhagen sobre a sociologia do desenvolvimento

para dar suporte a questão da classe social e a desigualdade que pessoas negras sofrem em função da sua cor e classe.

Durante o caminho das pesquisas realizadas no bairro do Barreiro nos deparamos com elementos que nos aproximaram de uma possível vinculação entre a História da cidade e a História do próprio Barreiro. Daí surge a indagação: ora, com tantos elementos que demonstram que as duas histórias se completam por qual motivo isso nunca foi levantado? Diversos trabalhos sobre a História de Alagoinhas contentam-se em afirmar o caráter ‘lendário’ que ronda a História oficial da nossa cidade. Mas nenhum ainda se debruçou sobre a possibilidade de investigar qual seriam as respostas às lacunas surgidas no caminho.

O meu projeto de pesquisa conta a história de um povo preto/pardo que, por conta da realidade histórica da escravização deste povo, herdou toda a sorte de violências que o racismo lhes reservou como descendentes de um povo que foi sequestrado da sua terra e trazido para ser escravizado aqui e em outras terras. No pós-abolição veio a realidade da falta de emprego e moradia junto a tantas outras violências sofridas no caminho da ‘liberdade’ e ainda se depararam com o racismo, a segregação, a falta de oportunidades e toda a sorte de subjugação.

Estes corpos pretos/pardos de que fala a minha pesquisa seguem reproduzindo a realidade dos seus antepassados. Por conta de uma condição social de carência em todas as áreas é que esses corpos errantes chegaram na cidade de Alagoinhas-Ba, onde encontraram moradia em uma localidade que mais se parece com um morro, refletindo a realidade de segregação socioespacial por conta da especulação imobiliária existente em várias partes do país. Com garra, determinação e bastantes dificuldades é que esses retirantes povoaram o bairro que, por conta de ter um chão de barro, recebeu a alcunha de Barreiro.

O bairro fica nas proximidades da estação ferroviária, e é por onde passava, e ainda passa, o trem, na margem da Linha Férrea, este transporte de pessoas e cargas, que tanto ‘desenvolvimento’ trouxe ao país e à própria Alagoinhas, em seu ir e vir passava por Aramari<sup>1</sup>, antiga vila pertencente a Alagoinha, posteriormente emancipada; é neste lugar que acontece a Reza que dá título e corpo à nossa pesquisa do mestrado.

Por falar em Aramari, é preciso falar aqui de uma famosa estrada por nome *estrada de boiadas* de onde passavam gente e cargas, para lá e para cá quando ainda não havia o trem. Porque isso agora? Explico, é para dizer que no caminho das nossas investigações nos deparamos com algo inusitado. A História da cidade de Alagoinhas é contada a partir de uma ‘lenda’ nada mais é que uma ficção nos

---

<sup>1</sup> Aramari foi criada como distrito em 27 de maio de 1879, pela Lei Provincial nº 1.861, e anexada à vila de Alagoinhas. Sua emancipação se deu em 06 de setembro de 1961.

moldes de *A Invenção das Tradições*<sup>2</sup> de Eric Hobsbawm. Para o autor as ‘tradições’ podem ser inventadas, e, em muitos casos, são. Há intencionalidade nesse processo. Daí compreendemos a necessidade de entender por qual motivo a cidade se contenta em ostentar uma ficção sem ao menos levantar a possível história ‘real’ sobre a sua própria origem.

Uma das hipóteses para desvendar o caso da origem da cidade de Alagoinhas pode estar associada ao fato de se ter feito a escolha de dar à cidade um início ‘glorioso’ ao ser associada a um magnífico símbolo de imponência emprestado pela exuberância da Igreja Inacabada, que fica no bairro que recebeu o nome de Alagoinhas Velha. Essas questões serão problematizadas e discutidas no primeiro capítulo da dissertação, onde iremos debater os mecanismos de manipulação da memória coletiva no campo das disputas de poder.

Outra hipótese pode ser entendida pela construção de uma negação de ter seu passado associado a um bairro periférico e negro, como indicam os documentos da época, que mostram a cidade mais ligada em sua origem ao bairro do Barreiro do que ao bairro que foi batizado de Alagoinhas Velha. O fato de associar a origem de uma cidade, grande polo de desenvolvimento econômico, à época, a um lugar onde viviam pessoas negras que eram trabalhadoras talvez não fosse algo que tivesse a ‘representação’ desejada. Nas palavras de Costa (2016):

Os vínculos entre modernização conservadora capitalista e estratificação étnico-racial, exploração de classe e racismo, são uma característica do desenvolvimento histórico das sociedades latino-americanas, de modo que uma teoria abrangente desses países explicitaria a integração entre o sistema capitalista de classes sociais e padrões de desigualdade provenientes de outros modos de produção.<sup>3</sup>

Aqui cabe a motivação da necessidade de entender os processos pelos quais foi negado ao Barreiro o lugar de fundador da cidade de Alagoinhas, uma hipótese que levantamos, como já foi dito, é que o racismo de territorialidade concorreu para essa decisão, haja vista que antes da chegada desses retirantes, o ‘morro’ ou ‘serra’, era povoado por poucas pessoas. Segundo Sr. Álvaro Farias Lins<sup>4</sup>, haviam pessoas pretas que trabalhavam nas terras do seu pai e que haviam também poucas casas, muito distantes umas das outras.

---

<sup>2</sup> HOBBSAWM. Eric e RANGER. Terence. *A Invenção das Tradições*. Org. Eric Hobsbawm e Terence Ranger. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1997, pp. 9-23.

<sup>3</sup> COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Rodolfo Stavenhagen e a Sociologia do Subdesenvolvimento**. Revista Brasileira de Sociologia | Vol. 04, No. 08 | Jul/Dez/2016, p.10.

<sup>4</sup> Herdeiro de um falecido dono das terras do Barreiro antes de virar o bairro que é hoje. Em entrevista concedida em 28/09/2016 ele nos contou que haviam poucas casas no local, todas muito distantes e perguntado sobre a cor dessas pessoas nos disse que eram negras.

É para entender de onde parte a minha segunda hipótese sobre a ‘invenção’ da história de Alagoinhas que preciso discorrer sobre as categorias *raça* e *classe* que identifica pessoas de uma etnia que sofre preconceito e discriminação podendo ter sido este o motivo de lhes ser negado o protagonismo na construção da História sobre o passado da cidade. Para isso a metodologia aqui utilizada é a discussão de dois textos de Kabengele Munanga, sobre raça e miscigenação e o texto de Diogo Valença, que trata de colonialismo, subdesenvolvimento e classes sociais, numa perspectiva interétnica que contemplam a temática escolhida por fazer coro com a pesquisa do mestrado que desenvolvo na localidade do bairro do Barreiro.

## **Desenvolvimento**

Ao que parece a cidade de Alagoinhas só obteve de Alagoinhas Velha o empréstimo do nome, a documentação levantada dá conta de um povoado pertencente à Inhambupe, seria esta a Vila de Santo Antônio, hoje, Alagoinhas, que com sua emancipação já dispunha dos tais equipamentos políticos, tão falados em pesquisas monográficas, dissertações e outras pesquisas realizadas sobre a cidade de Alagoinhas ao falar sobre sua origem.

Outro ponto que causa dúvida é entender de onde vem a ideia de ‘transferência’ da cidade para a parte baixa a partir do advento da ferrovia, situação encontrada no texto de Keite Maria Santos do Nascimento Lima (2010), que tem a cidade de Alagoinhas como objeto do seu trabalho, *Entre a Ferrovia e o comércio: urbanização e vida urbana em Alagoinhas (1868-1929)*, embora o enfoque da pesquisa dela seja na urbanização e na chegada do ‘progresso’, ou seja, um recorte um tanto distante do que seria o nascimento da cidade. Segundo Keite Lima (2010):

Assim, o espaço temporal balizado inicia-se com a remoção da sede da Vila para próximo à Estação em 1868, indo até a inauguração da usina elétrica em 1929, período de novas ordenações e novos modos de vida dessa sociedade<sup>5</sup>.

Ora essa afirmação de ‘remoção’ da sede provavelmente está se referindo a transferência da ferrovia que era no espaço que hoje se encontra atrás da loja Barreto para o espaço da Ferrovia de São Francisco, que de fato houve grande desaprovação da população segundo a professora Iraci Gama, diretora e fundadora da FIGAM<sup>6</sup>. Desde quando não há nenhum registro de equipamentos políticos ou sociais que tenham existido na localidade hoje conhecida como Alagoinhas Velha, sendo, pois, que essa afirmação não se sustenta; a própria Keite Nascimento (2010) revela a dificuldade de levantar a documentação que se refere àquela dita localidade:

---

<sup>5</sup> LIMA, Keite Maria Santos do Nascimento. **Entre a Ferrovia e o Comércio: Urbanização e vida Urbana em Alagoinhas (1868-1929)**. UNEB, Campus V, 2010. UFBS, p. 14.

<sup>6</sup> FIGAM- Fundação Iraci Gama.

Alguns autores, entre os poucos que trataram da história urbana de Alagoinhas nos primeiros anos de sua fundação, foram referências fundamentais da presente pesquisa. O processo de povoamento, criação da vila, chegada da ferrovia, construção da igreja de *Alagoinhas Velha*, mudança da cidade, construção dos prédios públicos e a inauguração da usina elétrica foram acontecimentos que estão presentes nas obras dos memorialistas locais e que, de modo geral estão circunscritos ao nosso recorte temporal<sup>7</sup>.

Obtivemos a informação de que a entrada do prédio da Prefeitura Municipal foi alterada para se adequar ao novo espaço/centro da cidade, mesmo assim, não convenceu a população e a reação foi bastante negativa, e a ‘remoção’ veio, com a *porta* de entrada deslocada para a lateral que dava frente para a estação ferroviária, como se olhasse para ela. Olhos desacostumados poderiam estranhar, o restante, já familiarizados, nem pensam sobre isso e se forem questionados, talvez nem saibam responder o motivo, histórias pitorescas de Alagoinhas, inclusive, por conta do termo ‘remoção’ as pessoas acreditam que saímos do lugar hoje chamado de ‘Alagoinhas Velha’ para a atual Alagoinhas e essa ficção segue mantida tomando ares de realidade.

Portanto, ambas as hipóteses se referem tanto a raça, por conta de buscar dissociar-se de um passado de origem negra, quanto a classe, já que num país de herança escravista, que negou a humanidade de pessoas pretas e seguiu no pós-abolição negando-lhes a sobrevivência, impondo uma vida de carências de toda ordem; a raça, então, se torna uma espécie de traço impositivo para a desigualdade social, como se nascer negro neste país já fosse suficiente para assegurar seu pertencimento a determinada classe social. Daí entendemos que a raça e a classe dão suporte às hipóteses sugeridas para o desvio do curso da História da origem da cidade de Alagoinhas. Diogo Costa (2016) diz:

(...) a partir do exame do pensamento de Rodolfo Stavenhagen, debater a atualidade política de sua caracterização teórica dos vínculos entre sistema de classes, relações de tipo colonial e estratificação étnico-racial. É possível que tais vínculos possam servir de base para desvendar as imbricações entre exploração de classe e dominação étnico-racial em diversas situações atuais do capitalismo contemporâneo.<sup>8</sup>

É forçoso discutir raça, que, embora seja um conceito muito antigo, tem graves implicações na atualidade. Por conta das violências que grupos racializados sofrem em função de ocupar esse lugar de segregação, inferioridade e discriminação por parte de grupos que não se racializam. Grupos estes que se utilizaram do subterfúgio das invasões para colonizar territórios, escravizar pessoas de

---

<sup>7</sup> LIMA, Keite Maria Santos do Nascimento. **Entre a Ferrovia e o Comercio: Urbanização e vida Urbana em Alagoinhas (1868-1929)**. UNEB, Campus V, 2010. UFBS, p. 18.

<sup>8</sup> COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Rodolfo Stavenhagen e a Sociologia do Subdesenvolvimento**. Revista Brasileira de Sociologia | Vol. 04, No. 08 |Jul/Dez/2016, p.13.

outras raças, espoliar suas terras, pilhar suas riquezas e empregar um discurso de superioridade em função da raça das suas vítimas serem, na construção ideológica deles, inferiores, para justificar, dessa forma, as atrocidades por eles cometidas, apoiados pela teologia, que, com suas *escrituras sagradas*, “tinham o monopólio da razão e da explicação” (MUNANGA, 2003, p. 2).

Kabengele Munanga mostrou bastante conhecimento da área de ciências da natureza nessa palestra proferida no 3º Seminário Nacional de Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ (05/11/2003) quando usou como exemplo as classificações advindas do universo da biologia, para demonstrar as estruturas e relações de como se desenvolve o racismo nas sociedades. De acordo com Munanga (2003), o conceito de raça ‘pura’ utilizado pela nobreza em contraste com a plebe é retirado deste lugar biológico/natural, e transformado em uma forma social e não-biológica, de legitimar a dominação de um grupo sobre o outro, sendo assim, ideológico.

O termo raça primeiramente foi usado para identificar e classificar espécies animais e vegetais, ou seja, era um conceito utilizado no campo das ciências naturais, porém, a partir dos séculos XVI e XVII, na França, esse termo passa a ser empregado pela nobreza como forma de fazer distinção entre as classes sociais. Para os nobres eles seriam diferentes da plebe por se entenderem superiores ao grupo dos Gauleses, sendo que a nobreza se identificava com os Francos, de origem germânica: “Em 1684, o francês François Bernier emprega o termo no sentido moderno da palavra, para classificar a diversidade humana em grupos fisicamente contrastados, denominados raças” (MUNANGA, 2003, p.1), assim, o conceito de raça passa a ser utilizado para diferenciação das pessoas, inclusive, usando a ideia de um grupo ser inferior ao outro. Raça e classe se tornam um fio condutor do racismo perverso que mantém a dominação de um grupo sobre o outro. Destarte, a teoria de Stavenhagen dialoga com Munanga. Costa, 2016, diz:

Ao mesmo tempo, seu estudo sobre as classes sociais nas sociedades agrárias sugere a estratificação interétnica como um fator de reforço da dominação de classe e de manutenção do caráter desigual e combinado das disparidades sociais sob o subdesenvolvimento e o capitalismo dependente.<sup>9</sup>

Esses nobres se acreditavam capazes de sujeitar, dominar e até ‘escravizar’ os Gauleses justificando esse argumento numa lógica de terem sangue ‘puro’, portanto, a primazia da superioridade: “eles se consideravam dotados de sangue “puro”, insinuando suas habilidades especiais e aptidões naturais para dirigir, administrar e dominar os Gauleses, que segundo pensavam, podiam até ser escravizados.” (MUNANGA, 2003, p. 1).

Nesta conferência proferida por Munanga (2003) ele questiona o motivo de se classificar a

---

<sup>9</sup> Idem, p.36.

diversidade humana em raça e denuncia que, ao invés de servir como uma forma de operacionalização do pensamento, algo iminentemente humano: “desembocaram numa operação de hierarquização que pavimentou o caminho do racismo.” (MUNANGA,2003, p.2).

A definição de raça como elemento de diferenciação entre humanos se baseia em fracos critérios que vem se somando a outros tão francos quanto os primeiros na busca de sustentar uma falsa razoabilidade para tal divisão. Assim, a cor da pele, que é apenas a concentração de melanina, que todos tem, uns grupos mais que outros, foi sugerida no século XVIII; no século XIX uniram-se à cor os traços morfológicos de nariz, boca, queixo, crânio, que, inclusive, em 1912 foi descoberto que o formato do crânio não era formado a partir de uma questão racial e sim do meio, desmentindo a pseudociência usada para dar ares de verdade aos seus discursos racistas.

Só no século XX com o avanço da genética é que foi possível se observar diferenças mais concretas entre grupos racializados, permitindo estudar doenças que acometiam determinadas raças mais que outras ou mesmo acometiam umas e não outras. Todos esses estudos que buscavam comprovar biologicamente a diferença entre as raças concluíram que: “os estudiosos desse campo de conhecimento chegaram à conclusão de que a raça não é uma realidade biológica, mas sim apenas um conceito aliás cientificamente inoperante para explicar a diversidade humana e para dividi-la em raças estancas. Ou seja, biológica e cientificamente, as raças não existem.” (MUNANGA, 2003, p. 5).

Depois de tanto se discutir o conceito de raça e os danos sociais causados pelo seu uso inadequado, depois da biologia na atualidade atestar que não existem diferenças entre os seres humanos que justifiquem a manutenção do uso deste termo, inclusive, com biólogos antirracistas sugerindo a retirada do termo dos dicionários para provocar seu desuso, estudiosos das ciências sociais se manifestaram contra essa perspectiva alegando a importância de estudar o termo enquanto categoria sociológica e política de importância social, Kabengele Munanga (2003):

No entanto, o conceito persiste tanto no uso popular como em trabalhos e estudos produzidos na área das ciências sociais. Estes, embora concordem com as conclusões da atual Biologia Humana sobre a inexistência científica da raça e a inoperacionalidade do próprio conceito, eles justificam o uso do conceito como realidade social e política, considerando a raça como uma construção sociológica e uma categoria social de dominação e de exclusão.<sup>10</sup>

Enquanto ‘raça’ é um conceito antigo e retirado das ciências naturais, o conceito de ‘racismo’ deriva

---

<sup>10</sup> MUNANGA, Kabengele. **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RAÇA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. 17p.

desta categoria. O conceito de racismo gera várias interpretações, o que dificulta um pouco o caminho na busca de soluções para este problema. O racismo seria então o resultado da utilização do conceito de raça de forma leviana, ou seja, tendo distorcido o seu sentido a favor de um grupo em detrimento de outros grupos, ainda por cima misturou o aspecto biológico com características morais criando então o racismo contra os grupos que foram colocados no lugar de inferiorização: “É justamente, o estabelecimento da relação intrínseca entre caracteres biológicos e qualidades morais, psicológicas, intelectuais e culturais que desemboca na hierarquização das chamadas raças em superiores e inferiores.” (MUNANGA, 2003, p. 9).

O racismo então nada mais é que uma conspiração construída sem bases realistas com o propósito de dominação, exploração e escravização de outros povos. Esse conceito tem sido retroalimentado e se reformula constantemente ao longo do tempo, tão grande é a dificuldade de derrubar esse pensamento fortemente incutido através de gerações e impregnado em todas as sociedades, logo, segue sendo usado para subjugar povos e justificar guerras, inclusive, como aconteceu no nazismo<sup>11</sup>. Assim, a questão da raça mobiliza esses corpos no sentido da estratificação social, conceito usado por Rodolfo Stavenhagen na década de 1960, em sua tese argumenta que:

(...) o autor traz uma contribuição altamente original para a teoria das estratificações sociais, ao relacioná-la intimamente com as investigações antropológicas e sociológicas do sistema de classes – algo que nem mesmo um dos maiores estudiosos das elites, Wright Mills, lograra realizar. Essa crítica das visões dualistas e/ou pluralistas sobre América Latina, segundo as quais suas sociedades estavam compostas por estruturas sociais distintas e estanques, foi um dos legados das ciências sociais latino-americanas atuantes na década de 1960.<sup>12</sup>

Aqui é conveniente reforçar que o racismo acomete outros povos racializados, embora esse estudo busque compreender o racismo direcionado ao povo negro. Pensando, inclusive, na questão Brasil, onde, no pós-abolição, o povo negro sofreu diversas dificuldades e suas consequências ainda perduram nos dias atuais. É preciso aqui lembrar da eugenia<sup>13</sup> que toma ares de ciência e segue reforçando o racismo já enraizado contra pessoas negras neste país. Surge então um forte estímulo à miscigenação, segundo Munanga (1999):

(...) a idéia da mestiçagem tida ora como um meio para estragar e degradar a boa raça, ora como um meio para reconduzir a espécie a seus traços originais; as idéias sobre a

---

<sup>11</sup> Nazismo (1933-1945): ideal de purificação da raça; racismo contra judeus, ciganos, negros e pessoas deficientes.

<sup>12</sup>In: COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Rodolfo Stavenhagen e a Sociologia do Subdesenvolvimento**. Revista Brasileira de Sociologia | Vol. 04, No. 08 | Jul/Dez/2016, p.13.

<sup>13</sup> Movimento que chega ao Brasil pela pasta da saúde, termo associado a ‘higiene’ e toma conta da sociedade racista levando ao pensamento de branqueamento da sociedade através da \*miscigenação da qual falaremos a seguir.



degenerescência da mestiçagem, etc., todo o arcabouço pseudocientífico engendrado pela especulação cerebral ocidental repercute com todas suas contradições no pensamento racial da elite intelectual brasileira.<sup>14</sup>

No pós-abolição o cenário nacional de uma sociedade extremamente racista que buscava se apoiar na pseudociência para controlar e impor a narrativa de subalternidade dos negros em relação a si própria, estava confusa sobre qual o lugar da mestiçagem na construção da nacionalidade. Suas teorias giravam em torno de qual das proposições seria mais conveniente para a elite do período, afinal, a mestiçagem era um problema ou uma solução? Qual das situações lhes traria maior benefício? Todo esse debate sobre a nacionalidade gira em torno da construção de uma identidade para uma sociedade que se pensava branca, e agora? o que fazer com os recém libertos da escravização e seus descendentes mestiços? Segundo Kabengele Munanga (1999):

O fim do sistema escravista, em 1888, coloca aos pensadores brasileiros uma questão até então não crucial: a construção de uma nação e de uma identidade nacional. Ora, esta se configura problemática, tendo em vista a nova categoria de cidadãos: os escravizados negros. Como transformá-los em elementos constituintes da nacionalidade e da identidade brasileira quando a estrutura mental herdada do passado, que os considerava apenas como coisas e força animal de trabalho, ainda não mudou? Toda a preocupação da elite, apoiada nas teorias racistas da época, diz respeito à influência negativa que poderia resultar da herança inferior do negro nesse processo de formação da identidade étnica brasileira.<sup>15</sup>

Fato é que negros e pardos, ainda que atravessados pelo colorismo<sup>16</sup>, sofrem algum nível de racismo, uns mais que outros por conta da quantidade de melanina e traços negroides<sup>17</sup> que a pessoa possua fenotipicamente. De toda forma racismo é uma violência que atinge pessoas que além da cor, ou por conta dela, serão a maioria em situação de desigualdade social. Vivendo em lugares segregados, com trabalhos mais braçais, com menores salários e menor nível de escolaridade. Fruto do papel do Estado no trato dado aos corpos racializados, Diogo Valença no seu texto sobre as teorias de Stavenhagen diz:

Por isso, apesar de se identificar como antropólogo, Stavenhagen trouxe contribuições fundamentais para outros campos das ciências sociais, em especial a sociologia e a

---

<sup>14</sup> MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade Nacional versus identidade negra.** Petrópolis, Vozes, RJ, 1999, p. 50.

<sup>15</sup> Idem, p. 51.

<sup>16</sup> Colorismo é uma forma de preconceito baseada no tom da pele, quanto mais clara for mais próxima da ideia de 'humanidade' essa pessoa será vista, quanto mais escura a pele, mais violências racistas essa pessoa sofrerá. Esse termo foi popularizado na década de 1980 pela autora Alice Walker, no seu livro. In: Search of Our Mothers' Gardens.

<sup>17</sup> Maior proximidade de fenótipos com os africanos: tom de pele escura, lábios carnudos, cabelos crespos, etc.

ciência política, ao tratar das questões do subdesenvolvimento e do papel do Estado na reprodução das formas de estratificação étnico- -racial no México e América Latina.<sup>18</sup>

Como se pode ver essas discussões sobre a mestiçagem são carregadas de racismo contra o povo preto e seus descendentes, hoje, pardos<sup>19</sup>, na nomenclatura atual. Esses debates sobre mestiçagem no fim do século XIX e até meados do século XX foram responsáveis pela dificuldade do povo negro e seus descendentes construir sua identidade e suas formas de união para mobilização. Essa dificuldade tem sido discutida amplamente nos movimentos negros sobre quem são os mestiços/pardos e de que lugar social essas pessoas mobilizam suas identidades, tanto individuais quanto coletivas. Um debate ainda muito atual dentro da comunidade negra. Todas essas ‘consequências da cor’ se configuram na realidade concreta do personagem principal da minha pesquisa, *Seu Zé Ferreira*, seus familiares, vizinhos e companheiros de lutas.

## Conclusão

A História oficial da cidade de Alagoinhas está impregnada de lacunas e também de lendas. São versões contadas a partir da oralidade e das obras de memorialistas que trazem toda uma carga nostálgica e concentração de simbologias que não apresentam conexão com a região da qual dizem desta cidade ter recebido o nome.

O fato de ter esbarrado na suposta real história da origem de Alagoinhas me fez buscar hipóteses para se ter aceito de pronto uma história que todos reconhecem como fictícia e lendária ao invés de buscar conhecer a história da origem da cidade a fundo. Ao descobrir elementos que associam Alagoinhas com sua origem possivelmente no Barreiro, só me resta seguir as hipóteses que possam justificar tal situação. Nesse sentido é que trouxemos para esse trabalho os estudos realizados pelo antropólogo Stavenhagen, encontrados no artigo do Prof. Dr. Diogo Valença (2016):

Stavenhagen renova os estudos de estratificação social, indo além de meras categorias descritivas e/ou agregados estatísticos, ao combinar o enfoque de tais sistemas de desigualdade (étnico-raciais, de gênero, geracionais etc.) com as perspectivas analíticas do sistema de classes sociais. Nesse sentido, as ideias de Stavenhagen constituem contribuições fundamentais para o pensamento sociológico atual, em termos da importância cada vez maior da articulação teórica entre raça, etnia e classe para

---

<sup>18</sup> COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Rodolfo Stavenhagen e a Sociologia do Subdesenvolvimento**. Revista Brasileira de Sociologia | Vol. 04, No. 08 |Jul/Dez/2016, p.14.

<sup>19</sup> Pardo é um termo utilizado pelo IBGE-Instituto Brasileiro de Estatística e Geografia, para quem se identifica como tal, incorporado como categoria oficial no Censo a partir de 1950. No Censo 2022, 45,3% dos brasileiros se declararam pardos, tornando esse o maior grupo étnico do país.

investigar os conflitos sociais nos países de origem colonial, subdesenvolvidos e dependentes.<sup>20</sup>

Sendo uma das hipóteses a negação de um passado atrelado a um bairro preto, segregado e marginalizado é que surgiu a necessidade de discutir raça e classe como possíveis elementos para o silêncio. E é pela necessidade de rever a História de Alagoinhas e disputar esse lugar da memória como ‘ato político’ que trouxemos toda essa discussão para o terreno da disputa sobre o lugar de protagonismo dos subalternos da História.

## Referência

COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Rodolfo Stavenhagen e a Sociologia do Subdesenvolvimento**. Revista Brasileira de Sociologia | Vol. 04, No. 08 |Jul/Dez/2016, 32p.

HOBBSAWM. Eric e RANGER. Terence. **A Invenção das Tradições**. Org. Eric Hobsbawm e Terence Ranger. Rio de Janeiro, ed. Paz e Terra, 1997

MUNANGA, Kabengele. **UMA ABORDAGEM CONCEITUAL DAS NOÇÕES DE RAÇA, RACISMO, IDENTIDADE E ETNIA**. Palestra proferida no 3º Seminário Nacional Relações Raciais e Educação-PENESB-RJ, 05/11/03. 17p.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a mestiçagem no Brasil: identidade Nacional versus identidade negra**. Petrópolis, Vozes, RJ, 1999.

*Autora:*

*Tania Sonize Valverde Santos*

*Mestranda no PPGCS- Programa de Pós -graduação em Ciências Sociais pela UFRB (2024.1).*

*Especialista em Filosofia Contemporânea (2017) pela UEFS- Universidade Estadual de Feira de Santana. Professora na prefeitura de Mata de São João-Ba (desde 1999).*

*E-mail: [listute@hotmail.com](mailto:listute@hotmail.com);*

*Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0639051766923795>;*

*ORCID: <https://orcid.org/0009-0004-9549-2155>*

---

<sup>20</sup> COSTA, Diogo Valença de Azevedo. **Rodolfo Stavenhagen e a Sociologia do Subdesenvolvimento**. Revista Brasileira de Sociologia | Vol. 04, No. 08 |Jul/Dez/2016, p.16.